

EXTRA-CLASSE

A luta em busca da 'Igualdade'

Houve um tempo que assumir uma sexualidade diferenciada (homossexual, bissexual, transexual), era praticamente como se a pessoa estivesse cometendo um crime. Nos dias atuais, o nível de aceitação é muito superior, mas, o preconceito ainda está muito presente na sociedade. Enfrentar os estigmas em busca de um tratamento respeitoso, igualitário, é uma luta empreendida por diversas pessoas e organizações não-governamentais (ONGs). E a luta desses grupos é que tem garantido, por exemplo, avanços na estrutura institucional. Em Santa Maria, a prefeitura criou em 2005, dentro da secretaria de Assistência Social e Cidadania, uma coordenadoria de Equidade e Gênero. A responsável se chama Marquita Quevedo, ou melhor, Marcos Antonio Santos Quevedo, um militante do movimento gay desde a década de 1980, quando participava da torcida "Maré Vermelha", integrada majoritariamente por homossexuais, e que fez história nos jogos do Inter de Santa Maria.

A coordenadoria municipal atua na elaboração de políticas para as mulheres, num trabalho de conscientização sobre a livre orientação sexual e, também, com projetos de apoio às comunidades indígenas. Mesmo que os recursos sejam escassos, Marquita ressalta que foram



Marquita: visibilidade ajudou a reduzir preconceito contra homossexuais

feitas parcerias com a secretaria municipal de Saúde e com a Faculdade de Direito (Fadisma). Através dessa relação é possível fazer campanhas de distribuição de preservativos e a organização de atividades como a Semana da Diversidade Sexual e a Parada Livre, no mês de julho e, que, em 2007, foi remarcada para o dia 12 de agosto. Marquita coordena ainda, desde

2001, a ONG "Igualdade". Antes desse período, a organização era voluntária e dispersa, mas bastante positiva em ações como campanhas de prevenção à AIDS.

FAZ TUDO- Cerca de 30 pessoas atuam na ONG Igualdade, que funciona no 2º andar do Santa Maria Shopping, numa sala cedida pelo Centro de Atendimento e Referência do Idoso

(CARI). Além de realizar ações como campanha do agasalho, oferecer cursos de biodança, o grupo também organiza eventos como ciclo de exibição de filmes, temáticos ou não e, que, também são debatidos. Promovem também jantares de arrecadação de fundos, como por exemplo, para o Lar Acalanto, que abriga crianças portadoras de HIV. A 'Igualdade' faz de tudo, como explica Marquita, até mesmo "vaquinhas" para o funeral de amigos.

Do ponto de vista da atuação da ONG, a principal bandeira ainda é da derrubada de preconceitos. Segundo a coordenadora municipal, os travestis e transexuais, além de sofrerem agressões constantemente, no momento em que se dispõem a registrar queixa, sofrem deboche em delegacias. Marquita diz que há uma negociação para que esses grupos sejam atendidos na delegacia da mulher, mas, por outro lado, essa ação apenas driblaria o preconceito. Já no que se refere às políticas públicas, a coordenadora de Equidade e Gênero destaca que há falhas pelo fato de que os próprios segmentos envolvidos se excluem de um debate mais profundo. Dessa forma, não há pressão aos legisladores, e por isso as leis não são alteradas. "Temos que vencer o processo de auto-exclusão", frisa Marquita Quevedo.

Fotos: RENATO SEERIG



Marina: documentário receberá prêmio "triângulo rosa"

'Eu sou'

Expor a opinião de quem se assume. Esse é o objetivo do documentário "Eu sou", que tem entre seus mentores a jornalista, fotógrafa-free lancer e atualmente também exercendo a docência universitária em Lages, Marina Chiapinotto. Juntamente com Dariane Campos, Carolina Weber, Priscila Abrantes, Emilia Maria e Rodrigo Streb, Marina, 22 anos, produziram em cerca de 15 min, um documento, ainda como estudantes, no ano de 2006, no Centro Universitário Franciscano. Na peça jornalística, transexuais e travestis assumem perante uma câmera todas as dificuldades enfrentadas por terem feito uma opção sexual diferenciada da maioria das pessoas. Mas, por outro lado, demonstram felicidade em terem conseguido ser entendidos por

familiares e amigos. Subjaz, contudo, em cada um dos depoimentos obtidos pelas então estudantes, o preconceito ainda imanente na sociedade.

Marina Chiapinotto explica que foram mais de 19h de gravação e, uma parte desses depoimentos, ainda não foi utilizado. Contudo, diz que não sabe se darão continuidade ou não ao trabalho, explorando outros aspectos dos depoimentos. Os estudantes chegaram aos depoentes através de Marquita Quevedo, da ONG Igualdade (veja matéria nesta página). O documentário já faz parte do acervo do 6º Santa Maria Vídeo e Cinema, recentemente realizado e, no qual o trabalho recebeu menção honrosa. Os idealizadores do vídeo ainda receberão, no dia 12 de agosto, durante a Parada Livre de Santa Maria, o prêmio "Triângulo Rosa". Conforme Marquita Quevedo, o prêmio foi criado em 2003 para homenagear as pessoas que contribuem para a quebra de preconceitos.

Histórico da Parada Livre

Na medida em que tem avançado a luta pelo respeito à diversidade sexual, um dos pontos altos nessas manifestações são as chamadas "paradas livres", também conhecidas como "paradas gays". Em Santa Maria ela acontece desde 2001, porém, no Rio Grande do Sul, a mais famosa é a de Porto Alegre. O histórico dessas passeatas, no entanto, vem de diversos pontos do mundo. Conforme a página eletrônica do "Nunances", grupo de livre expressão sexual, as manifestações do dia 28 de junho ocorrem países fora pelo menos desde 1969. No Brasil, desde o final da década de 1990, com destaque para São Paulo e Porto Alegre.

Em 1997 foi organizada a 1ª Parada Livre de Porto Alegre, com a marcha de 150 pessoas (militantes do movimento gay e direitos humanos, punks, drag queens, travestis e simpatizantes) pela tradicional rua do Brique da Redenção, onde os porto-alegrenses confraternizam aos domingos. Gays e lésbicas observavam das calçadas: famílias dividiam-se entre divertir-se e o constrangimento; a participação de políticos foi mínima. O grupo 'nuances' encarou um verdadeiro desafio ao tomar o meio da rua para mostrar o que muitos até então consideravam vergonha.

Para fortalecer a idéia de uma participação ampla e democrática, o 'nuances' denominou o evento de Parada Livre, para que quaisquer expressões (sexuais, raciais, de gênero, culturais) viessem a romper preconceitos. A clandestinidade do movimento homossexual deveria, no entendimento desses grupos, ser escancarada pela rua, pela ocupação do espaço público, dando visibilidade a todos.